

Caros amigos,

Divulgo a entrevista que concedi à repórter Larissa Leiros Baroni, da UNIVERSIA BRASIL, a propósito da estréia do filme "Salve Geral", de Sérgio Rezende, que relembra os ataques do PCC em São Paulo há cerca de 3 anos, bem como trata do altíssimo grau de institucionalização do crime organizado, da decrepitude do sistema prisional brasileiro e da corrupção do poder público.

Como a entrevista foi editada, disponibilizo sua parte escrita na íntegra e, em seguida, a matéria completa de Larissa, intitulada "Salve Geral relembra ataques do PCC em São Paulo".

Críticas e sugestões podem ser encaminhadas para este endereço de e-mail.

Desde já, estou inteiramente à disposição para continuar o debate sobre esses temas, a quem interesse.

--

Rodrigo Medina Zagni

Docente do curso de Ciências Sociais
Universidade Cruzeiro do Sul

Pesquisador
Laboratório de Estudos sobre a Intolerância da
Universidade de São Paulo

Historiador (FFLCH/USP)
Doutorando em Práticas Políticas e Relações Internacionais (PROLAM/USP)

MSN: rodrigo-historia-usp@hotmail.com

E-MAIL: rodrigomz@usp.br / rodrigo.historia.usp@gmail.com

FACEBOOK: <http://www.facebook.com/home.php?#/profile.php?id=1418312438&ref=name>

Entrevista à Larissa Leiros Baroni:

Larissa Leiros Baroni - Quais são os principais fatores que influenciam a geração da violência nas grandes metrópoles? Quais deles foram evidenciados no filme?

Rodrigo Medina Zagni - Nas grandes cidades temos, como fatores geradores de violência, notadamente:

- o acentuamento das contradições do capitalismo e, com isso, a agudização das restrições sociais e do problema da miséria;
- o gozo de direitos restringido a uma parcela privilegiada da sociedade; sendo que para o grosso dela resta uma democracia de muito baixa intensidade;
- a má distribuição de renda gerando processos distintos de ocupação do espaço; me refiro à formação de bolsões de pobreza onde o Estado pouco penetra, criando vazios de poder que são ocupados por outros grupos de interesse;
- um sistema prisional que não reeduca, que desumaniza, bestializa e, furtando os direitos mais essenciais daqueles por quem deveria zelar, atira-os ao estado de natureza "hobbesiano" atentando diariamente contra a dignidade humana, devolvendo à sociedade profissionais do crime extremamente raivosos, especializados e organizados;
- a corrupção de parte do poder público que passa a se relacionar com o crime organizado;
- a falta de políticas que tratem dos motivadores causais da violência urbana de forma articulada, ou seja, não apenas focadas em políticas de segurança pública restritas ao aparelhamento, treinamento e aperfeiçoamento das policiais (isso também é necessário, bem como dar dignidade ao próprio policial, com salários decentes e garantias de segurança para si e sua família); mas também políticas de mais longa duração (obviamente com menor apelo eleitoral!), como educacionais, de formação técnica para inserção no mercado de trabalho, focadas na redução da pobreza e na minimização das desigualdades;
- deixar de afirmar o Estado que, como disse Foucault, apenas vigia e pune.

O filme chega a abordar essas questões, mas seu grande mérito foi o de demonstrar que o grau de institucionalização do crime organizado corresponde a apenas um dos tentáculos

sempre renascentes da Hidra. Há outros tentáculos igualmente nocivos e articulados como: a logística que dá suporte ao crime e dele se alimenta; parte do judiciário implicada em escândalos como os de vendas de sentença e transferências de presos (o que chegou a ser veiculado pela grande mídia àquele tempo); parte das polícias que, em diversos níveis, podem estar relacionadas ao crime organizado; a política que faz uso das polícias e negocia com o crime organizado; entre outros.

LLB - Como pode ser explicada a participação do Rafa – um rapaz da burguesia – no crime organizado? Mero acaso? Falta de sorte?

RMZ - Sorte não é um fator. É preciso derrubar o mito de que a delinquência está dada irreversivelmente pela origem social. Entra no cômputo, mas não é um destino inexorável! Se fosse assim, não teríamos escândalos como aqueles assistidos há poucas semanas no Senado Federal, dentre tantos outros. A questão a se pensar é: para quem é aplicada, de fato, a lei? Ou, para quais segmentos de sociedade o braço armado do Estado funciona para servir e proteger?

O crime organizado constitui uma rede que envolve desde segmentos nos mais altos escalões das estruturas de poder (como, por exemplo, políticos envolvidos com milícias, esquartejando seus inimigos com uso de moto-serra etc.), até os soldados do tráfico nas comunidades tomadas por esses grupos; passando pela tal classe média que pensa estar isenta disso tudo. Lembro-me agora de um programa de televisão, onde um "profissional da indignação" alertava os pais de família para o caso de uma jovem branca e de classe média que havia se envolvido com o crime organizado; ela aparecia na imagem ao lado de uma jovem negra vestida de forma mais humilde, e ele tascou: "Veja! Essa menina (apontando para a negra) já se vê que é do crime, tem cara de bandida! Mas essa, meus senhores, poderia ser a sua filha!" Filha de quem, cara pálida?

LLB - Se o PCC resolvesse se rebelar novamente, quais seriam as conseqüências? Piores ou a polícia estaria mais preparada para evitar a ação dos criminosos?

RMZ - Pode ser sim que a Polícia esteja mais bem preparada; mas o fato ocorrido há 3 anos criou um precedente muito perigoso. Estamos submetidos a uma condição de tensionamento constante e, de alguma forma, ainda mantidos como reféns da violência urbana.

Mas, insisto, as políticas vem sendo unidimensionais, pois segue o sucateamento do ensino público, agrava-se o problema da exclusão bem como do uso político das polícias. Quanto à corrupção, deixo aos leitores uma reflexão sobre o arquivamento das 11 denúncias de corrupção que pairavam sobre a presidência do Senado Federal, por parte do Conselho de Ética.

LLB - Como prevenir a violência que se evidencia em todos os setores da sociedade?

RMZ - Políticas articuladas:

- de segurança: reaparelhamento de todo o aparato policial com pesados investimentos em inteligência; capacitação de seus agentes inclusive em relação a direitos humanos; pagamento de salários dignos; garantias mínimas de proteção às famílias dos policiais, que também foram alvo do crime organizado durante o fatídico evento abordado pelo filme;
- de educação: reversão dos processos de sucateamento do ensino público; capacitação e, primordialmente, garantias de dignidade aos professores, os mais importantes agentes da transformação que precisa urgentemente ser operada em nossa sociedade. Nunca Florestan Fernandes teve tanta razão: a revolução deve começar nas escolas!
- de geração de renda e inserção social: não apenas políticas assistenciais, mas que ataquem os motivadores causais do fenômeno da pobreza;
- uma política instituída de tolerância: de garantias à diversidade, nos mais variados âmbitos da vida social (religioso, sexual, étnico, político etc.).

LLB - Qual é a principal mensagem/lição que o filme pode passar para a sociedade paulista, bem como para a brasileira?

RMZ - Atenta para algo que pode ter passado despercebido: que durante aqueles fatídicos dias fomos todos reféns não só do crime organizado, mas da ingerência do Estado.

LLB - Há mais alguma reflexão que pode ser feita em cima da temática do filme que ainda não foi falada? Qual?

RMZ - Coincidência o filme ter sido lançado próximo às eleições presidenciais de 2010?

Segue a matéria de **Larissa Leiros Baroni**, na íntegra (disponível também no link: <http://www.universia.com.br/cultura+/materia.jsp?materia=18324>) :

Salve Geral relembra ataques do PCC em São Paulo

Diretor faz provocações e propõe reflexões sobre sistema carcerário

Publicado em **09/10/2009 - 13:00**

[Por Larissa Leiros Baroni](#)

Em maio de 2006, o assunto virou notícia em todos meios de comunicação do Brasil e chegou a ser manchete, inclusive, em veículos internacionais. Os ataques do PCC (Primeiro Comando da Capital) - facção criminosa paulista - no estado de São Paulo registraram ofensivas contra ônibus, policiais, bancos, estações de metrô e lojas. Foram mais de 290 ocorrências em todo o estado e quase 150 mortes. A situação amedrontou a população da cidade mais rica do Brasil e uma das maiores do mundo. Três anos se passaram e o assunto que parecia estar com seu lugar garantido no esquecimento coletivo ganha vida nas telonas com o filme "Salve Geral", de Sérgio Rezende, que estreou nesta sexta-feira, 2 de outubro, no circuito nacional de cinema.

Parte da história de São Paulo se mescla com a narração fictícia de uma professora de piano de classe média, vivenciada por Andréa Beltrão, que luta para tirar seu filho da prisão. A obra foi escolhida para representar o Brasil na disputa a uma indicação para a 82ª edição do Oscar (Premiação Anual da Academy of Motion Pictures Arts and Sciences). "Salve Geral" concorrerá com produções de mais de 95 países à classificação final.

O enredo, na opinião de Rodrigo Medina, pesquisador do Laboratório de Estudos sobre a Intolerância da USP (Universidade de São Paulo) e professor de Ciências Sociais da Unicsul (Universidade Cruzeiro do Sul), provocará polêmicas ainda maiores que "Tropa de Elite", de José Padilha, e "Cidade de Deus", de Fernando Meirelles. "De maneira sutil, Sergio Rezende faz denúncias de corrupções em todo o sistema penitenciário. Desvios de condutas que envolvem desde o funcionário que faz a revista na cadeia, passam pelo judiciário e chegam até a Secretaria de Segurança Pública do Estado", afirma Medina.

Ainda que uma obra cinematográfica não tenha o compromisso de retratar a realidade, Medina acredita que "Salve Geral" instrumentaliza a história paulista a partir de suposições criadas em cima dos fatos. "O enfoque não é maniqueísta. Ao mesmo tempo em que o PCC não é enaltecido, a polícia também não é demonizada. Rezende consegue fazer com que o espectador tenha empatia com um preso ou com uma mãe, sem, no entanto, minimizar a culpa diante das irregularidades cometidas", diz o pesquisador.

Para Alessandra Teixeira, presidente da Comissão do Sistema Prisional do IBCCRIM (Instituto Brasileiro de Ciências Criminais), entender o ataque da facção criminosa, em 2006, ainda é bastante complexo. "Até hoje, não há nada que comprove quais foram os motivos que rebelaram os mandantes do PCC, tampouco qual foi a real participação da polícia ou da Secretaria de Segurança Pública no caso. O que se tem são apenas versões. Não há informações", declara Alessandra.

A versão adotada por Sergio Rezende está relacionada à transferência dos chefes da facção para um presídio de segurança máxima. Verdade ou não? Nem Alessandra, nem Medina sabem responder essa pergunta. Mas a pesquisadora do IBCCRIM assegura conhecer o objetivo dos ataques no estado de São Paulo. "Se, em 2001, a mobilização visava mostrar à

sociedade o poder do Comando nas prisões, com a rebelião simultânea em 42 cadeias, o Salve Geral, em 2006, pretendia mostrar a força do PCC além dos muros da cadeia", analisa ela.

Segundo Spencer Toth Sydow, professor de direito e processo penal da Uniban (Universidade Bandeirantes), a rebeldia dos criminosos deve ser vista a partir da teoria da pena. "A sentença é a prevenção que amedronta a população para não cometer uma ação ilícita. Se não há essa repressão, a medida acaba tendo um efeito social reverso: incentivo. É isso que geralmente acontece dentro do crime organizado. A falta de amedrontamento se resulta em afronta", explica ele, que também acredita na contribuição do processo penal brasileiro, de acordo com ele sempre favorável ao réu, para exaltar a sensação de permissão ao confronto.

Diferente do que muitos possam imaginar, Alessandra garante que a ação, assim como não foi positiva para a polícia, tampouco para a sociedade, não trouxe boas consequências para os criminosos. "A radicalização fere a própria lógica do Comando, até porque traz grandes impactos para o andamento de seus negócios. Atrapalha o comércio ilegal e compromete os lucros", destaca ela. Os reflexos dos ataques também provocaram a morte de mais de 500 pessoas. "Os que mais sofreram, porém, foram os moradores da periferia, pobres e negros", afirma Alessandra.

A maior polêmica retratada em Salve Geral, no entanto, é o suposto acordo que a Secretaria de Segurança do Estado teria selado com os chefes do Comando para controlar a situação de calamidade em São Paulo. "Muito se falou desse pacto na época, mas até hoje nada foi comprovado", diz Medina. Para ele, mesmo sem a comprovação, as possibilidades de o fato ter ocorrido são reais. "A suposta negociação comprova a fragilidade do estado diante da segurança. E se houve mesmo esse acordo, acredito que ele persiste até hoje, até porque a facção nunca mais se manifestou", acrescenta ele.

As críticas às negociações, segundo Alessandra, não se sustentam com a realidade. "O que se chamou de acordo, não caracterizaria como desvirtuamento das forças. Se houve uma radicalização das ações dos bandidos, isso significa que havia pouca abertura no sentido de negociação em tons corruptos", contesta a pesquisadora, que afirma que as consequências poderiam ter sido piores se o estado optasse pela lógica de uma guerra civil. "Política de geração de medo que não leva a lugar nenhum", resume ela.

Na opinião de Sydow, o suposto acordo - independentemente de sua característica - jamais seria legítimo. "Isso demonstra a interferência de poderes. Se o poder judiciário decide por uma pena privativa de liberdade, a Secretaria de Segurança não pode interferir nessa decisão, tampouco conceder exceções. Não se pode devolver os direitos que foram tirados", argumenta ele.

Ideologia: lícita ou ilícita?

*Se tiver que amar, amaremos
Se tiver que matar, mataremos
Paz, Justiça e Liberdade*

O grito de guerra do PCC, que ganhou voz dentro e fora das prisões, é bastante ressaltado por Sérgio Rezende. O filme procura ainda evidenciar as contradições que envolvem o desenvolvimento da facção criminosa, bem como sua ideologia. "É ingênuo achar que a facção nasce exclusivamente para reivindicar os direitos humanos no sistema carcerário e regulamentar a convivência na prisão. No entanto, a lógica guerreira, com a participação em ações criminosas, também não pode ser esquecida", defende Alessandra.

Para ela, a criação do Comando melhorou a convivência entre os presos. "Criou-se uma norma que combateu o mata-mata e diminuiu a violência sexual no ambiente carcerário", destaca Alessandra, que lamenta o uso da mesma organização para o cometimento de crimes. "Hoje, o PCC se constitui como uma empresa e segue a lógica de mercado e de monopólio, principalmente em relação ao tráfico de drogas", descreve. De acordo com Sydow, não há

como um grupo ilegal exigir aspectos legais. "Não desmereço a luta por uma situação melhor, num sistema que viola frontalmente os direitos humanos. Mas não se pode bater para depois conversar ou desrespeitar a lei para depois buscar alternativas", argumenta ele.

Medina procura destacar que a formação do PCC não se restringe a brasileiros da periferia. "É preciso derrubar o mito de que a delinqüência está dada irreversivelmente pela origem social. Se fosse assim, não teríamos escândalos como aqueles assistidos há poucas semanas no Senado Federal, dentre tantos outros", diz Medina. Para desmistificar esse fato, Sérgio Rezende opta em contar a história de Rafa (Lee Thalor), um menino de classe média, que acaba por militar junto à facção. "O crime organizado constitui uma rede que envolve desde segmentos nos mais altos escalões das estruturas de poder até os soldados do tráfico nas comunidades tomadas por esses grupos; e passa pela tal classe média que pensa estar isenta disso tudo", explica o pesquisador.

Três anos depois

Muito mais do que trazer respostas, Medina enfatiza o poder do filme em propor reflexões. "Durante aqueles fatídicos dias, fomos todos reféns não só do crime organizado, mas da ingerência do estado. Será que foi coincidência a obra ter sido lançada próximo às eleições presidenciais de 2010?", questiona o pesquisador.

O episódio que marcou a história brasileira e amedrontou milhares de paulistas completa três anos e cinco meses. O que mudou desde então no sistema penitenciário? O poder judiciário obteve avanços? Será que São Paulo, assim como o Brasil, estariam preparados para enfrentar novos ataques da facção criminosa? E o PCC, perdeu força "política" nestes últimos tempos? Essas são algumas das questões que Salve Geral deixa no ar.

Na opinião do pesquisador da USP, nada mudou nesses últimos anos. "A corrupção, infelizmente, continua presente em todas as cadeias do sistema. E mais, mesmo que o PCC não esteja tanto em evidência como em 2006, ele continua a agir na irregularidade e a comandar o tráfico dentro e fora das prisões", defende ele. Segundo Medina, o problema da segurança não foi resolvido. "Se novos ataques acontecessem, as conseqüências seriam similares ou até mais desastrosas", acredita ele. "Estamos submetidos a uma condição de tensionamento constante e, de alguma forma, ainda mantidos como reféns da violência urbana", acrescenta Medina.

Alessandra não acredita na hipótese de novos ataques. "Para uma manifestação mais radical do PCC é preciso que haja uma razão muito forte. E não me parece que tal motivo exista. Muito embora o sistema esteja ainda mais caótico e a facção tenha crescido de forma espantosa, as respostas para a ausência de reivindicações são nebulosas", diz a pesquisadora.

O caminho da mudança está na implantação de políticas organizadas. É o que sugere Medina. "As ações de segurança pública não podem continuar sendo unidimensional, ou seja, focadas exclusivamente na compra de armamentos. Elas precisam, sim, integrar itens de segurança aos de educação, geração de renda, inserção social e políticas instituída de tolerância", sugere ele.

O FILME

O dia em que criminosos caçaram a polícia e esvaziaram as ruas da cidade que tem um dos tráfegos mais caóticos do País inspirou Sérgio Rezende em seu "Salve Geral". O longa coloca os dias de pânico na Capital paulista numa das maiores inversões de valores institucionais da história do Brasil como pano fundo da trama que mostra uma mãe que decide adentrar o universo do crime para defender o filho.

O caso não é retratado com sensacionalismo, nem tampouco com superficialidade. Em 120 minutos, além de se emocionar com a luta de Lúcia (Andréa Beltrão), uma professora de piano falida que para defender o único filho se envolve com o crime organizado, é possível conhecer alguns dos mistérios sobre o dia em que São Paulo viveu dias de guerra.

Ao mesmo tempo em Sérgio Rezende representa - a sua maneira - a convivência e a ação dos líderes da organização criminosa responsável pelos ataques ao estado de São Paulo, também fala a respeito da suposta participação ilícita de agentes do sistema carcerário e do poder judiciário no episódio. O filme polemiza inclusive com a Secretaria de Segurança do Estado de São Paulo e a hipótese de acordo entre autoridades e representantes dos marginais como saída para por fim à guerra urbana.

A missão do filme, no entanto, não parece ser a idolatria à facção criminosa, nem mesmo tentativa de destruir a imagem de um sistema penitenciário precário. A abordagem do diretor, assim como a atuação dos atores, contribui para que o espectador tire suas próprias conclusões em relação aos fatos e reflita sobre diversos problemas que fazem parte da realidade brasileira.

Serviço:

Salve Geral

Direção: Sérgio Rezende

Gênero: Drama

Duração: 2h00

Lançamento: 2009